

CULTURA

PAPO DE ÍNDIO

Txal Terri Valle de Aquino e Marcelo Piedrafitas Iglesias

Depois de longa ausência retornamos ao nosso velho Papo, não sem antes agradecer à Nietta Monte, Elsie Maria Lagrou, Maria Luiza Ochoa, Tereza Maher, Vera Sena, Marilda Cavalcanti, Dedê Maia, Cláudia Matos e, sobretudo, aos mestres das escolas da floresta, que participaram do XV Curso de Formação de Professores Indígenas organizado pela CPI-Acre, pela brilhante contribuição que deram à criatividade e continuidade desta coluna. Até o velho Pancho, liderança Kaxi do Alto Purús, deu sua força para que o Papo rolasse solto e bonito, com cheiro de mato e gosto das águas areiosas daquele rio.

O Papo de hoje é sobre a criação da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã. Esta boa notícia nos deixa de bom astral e de bem com a vida, justamente porque participamos, junto com outros companheiros da Funai e do Incri, da identificação dessa que talvez seja a última terra Kaxinawá a ser criada no Acre. E ainda tem gente dizendo por aí que os antropólogos gostam de estudar os índios, "mas depois não estão nem aí pra eles". Nós, que amamos os Kaxi e reconhecemos que eles eficientemente ajudaram a nos tornar antropólogos, estamos em paz com nossa consciência. De certa forma, estamos

tentando dar nossa pequena contribuição para que o povo Kaxinawá conquiste suas terras, se liberte do cativeiro dos antigos e novos patrões de seringais, desenvolva suas comunidades, utilize e preserve os recursos naturais de suas florestas e mantenha viva sua cultura. Nessa nossa já longa convivência nos seringais e aldeias do Acre aprendemos que ninguém passa por aqui sem seus ritos de passagem e nem mexe assim tão impunemente com os índios, filhos prediletos da Rainha da Floresta. É isso não nos impede de fazer as nossas próprias pesquisas, dialogando com a atualidade e a tradição Kaxinawá.

Vamos ler o Papo de hoje como se fosse o correio da boa notícia, principalmente nesses dias tão tristes e envergonhados em que vivemos, cercados de muito fogo e muita fumaça, numa terra governada pelo bando do contrabandista. Vamos parar de queimar nossas matas, senão vamos ser mais uma vez expulsos do paraíso, agora pela vontade dos homens de má vontade. Como não dá para recorrer às "autoridades" locais, o jeito é rogar para que a Rainha da Floresta nos mande logo, mesmo fora de época, as primeiras fortes chuvas de inverno. E vamos ao Papo.

Nasce uma nova terra Kaxinawá no Acre

No contexto do convênio estabelecido, em final de 1993, entre Funai, Comissão Pro-Índio do Acre e Embaixada da Suíça, com objetivo de identificar e reidentificar Terras Indígenas (TIs) no Acre e sudoeste do Amazonas, foi entregue recentemente à Presidência do órgão indigenista, ao Ministério da Justiça, todos os levantamentos (laudo antropológico, mapa e memorial descritivo, levantamento das beneficiárias de ocupantes não indígenas e cadeia dominial dos títulos de propriedade ali incidentes) necessários à identificação e delimitação da TI Kaxinawá da Praia do Carapanã, localizada no Município de Tarauacá.

A nova terra Kaxinawá, com 61.307 ha e perímetro de aproximadamente 173.323 metros, se estende por ambas as margens do médio Tarauacá acreano, abrangendo 4 seringais (Universo, Cocameira, Mucuripe e Pinheiro Machado) e pequenas partes de outros 4 (Minas, Paquetá, União e Apuanã).

A criação da TI Kaxinawá da Praia do Carapanã é importante não só para os 200 Kaxinawá que atualmente ali habitam, mas para boa parte da população de cerca de 2.100 índios que ocupa outras 4 Terras Kaxinawá situadas na bacia do rio Tarauacá. Este total representa 60% dos 3.500 Kaxinawá que hoje vivem dispersos em território brasileiro, ocupando 9 TIs situadas nos rios Breu, Envira, Purús, Jordão, Tarauacá, Murú e Humaitá.

Diáspora Kaxinawá

A dispersão dos Kaxinawá pelos altos rios acreanos ganhou nova configuração a partir das correrias sofridas na chegada dos exploradores de seringais e dos caucheiros peruanos nos últimos anos do século passado, que resultou na destruição das malocas tradicionalmente construídas nas terras firmes do interior das matas. Os grupos Kaxinawá que sobreviveram aos ataques à bala e às doenças desconhecidas, refugiaram-se nas cabeceiras e altos cursos dos principais rios do vale do Alto Jurú, onde foram gradualmente incorporados aos seringais que começavam a se estabelecer em seus antigos territórios.

Passaram a trabalhar no cativeiro dos patrões, pagando renda pelo uso das estradas de seringa, imobilizados pelos débitos e sujeitos de serem expulsos das colocações sem direito à indenização das beneficiárias ali introduzidas. Muitas famílias Kaxinawá migravam seguidamente pelos seringais, pedindo para colocar-se ou sendo recrutados por patrões interessados em seus serviços. Trabalhavam alguns anos como seringueiros e diaristas até que se mudavam novamente à procura de um "bom patrão".

Além dos Kaxinawá reunidos pelo famoso matoiro Felizardo Cerqueira nas cabeceiras dos rios Envira, Murú, Tarauacá, Jordão e Breu, outra parte dessa população refugiou-se nas cabeceiras do Alto rio Purús, em território peruano, onde permaneceram durante décadas à margem do cativeiro dos patrões seringueiros.

A partir de meados da década de 70, a identificação de TIs para a população Kaxinawá veio reconhecer e legitimar a imemorialidade de sua ocupação nas florestas desta região. A localização destas Terras, por sua vez, correspondeu àquela dos conjuntos de seringais onde certos grupos familiares extensos haviam logrado permanecer durante os longos anos do cativeiro de sucessivos patrões e arrendatários. Incorporados nos seringais, estes "territórios" indígenas serviam como pontos de referência para aqueles outros grupos familiares que se viam seguidamente obrigados a migrar.

A partir do início da década de 80, durante os processos de garantia efetiva e de ocupação produtiva das TIs, foi de fundamental importância a chegada e a participação de muitas famílias Kaxinawá antes dispersas. As migrações de grupos familiares Kaxinawá entre as TIs Rio Humaitá, Igarapé do Caucho, Colônia 27 e Rio Jordão continuaram ocorrendo em números significativos nos anos 80 e 90. A existência destas Terras permitiu que os Kaxinawá se reagrupassem para trabalhar em seringais "libertos", onde os patrões (seringueiros e fazendeiros) não mais controlavam as redes comerciais e o acesso aos recursos naturais da floresta.



Índios Kaxi discutem limites de sua terra

Cativeiro dos Patrões e da Paranacre

Desde o começo do século, os seringais do médio rio Tarauacá, hoje incidentes na TI Praia do Carapanã, constituíram território para diversos grupos familiares Kaxinawá. Depois de reunidos por Angelo Ferreira e Felizardo Cerqueira entre 1905 e 1909, continuaram ocupando colocações dos seringais Universo, Veneza, Paquetá, São Joaquim, Cocameira, Pinheiro Machado, Minas, Apuanã e Mucuripe. Por mais de 60 anos, trabalharam em regime de cativeiro, contando seringa e realizando, na base da diária, inúmeros serviços, como bater campos e colocar os roçados do patrão, carregar borracha e mercadorias nas costas, descer os altos rios varejando balsas de pelias de borracha, abrir ramais e varadouros, reabrir colocações e estradas de seringa, fazer farinha, mel, gramíxó, rapadura e aguardente, caçar e pescar para o barracão.

Permaneceram neste trecho do rio Tarauacá depois da Companhia Paranaense de Colonização Agropecuária e Industrial do Acre (Paranacre) ter, em meados da década de 70, comprado 450.000 ha que incluíam boa parte desses seringais e imposto efetivas restrições à entrada de novas famílias Kaxinawá. Apesar de atrelados comercialmente ao arrendatário da Paranacre, conseguiram gradualmente controlar o seringa Mucuripe e parte do Apuanã. Com a desarticulação do controle territorial e comercial exercido pela Paranacre em função da crise da economia da borracha nos anos 90, e a consequente retirada de muitos dos seringueiros regionais, os Kaxinawá passaram a se espalhar pelos seringais de propriedade da firma, através do aproveitamento de colocações que estavam desocupadas e da abertura de novos locais de moradia.

Mobilizações Kaxinawá

Nos últimos anos, os seringais incidentes na proposta de delimitação da TI Kaxinawá da Praia do Carapanã têm, por sua vez, servido como local de moradia para muitas famílias vindas de Terras Kaxinawá dos municípios de Jordão, Tarauacá e Feijó. Entre 1989-94, chegaram aos seringais do médio rio Tarauacá, quase meia centena de índios. Do Rio Humaitá, chegaram várias famílias descontentes com as perspectivas de fazer vida cortando seringa e com a dificuldade de comprarem mercadorias, na medida em que poucos regatões negociam neste rio e os patrões dos seringais abandonaram por completo o movimento comercial de seus barracões.

Outros grupos familiares chegados à TI Kaxinawá da Praia do Carapanã vieram da Colônia 27, lote de 105 ha cercados de fazendas, onde a floresta, a caça e o peixe praticamente inexistem e as terras agriculturáveis vêm tornando-se cada vez mais escassas. Aqueles vindos do TI Igarapé do Caucho, apesar de destacarem certos benefícios

possibilitados pela proximidade de Tarauacá, queixavam-se da falta de caças e peixes, que os obrigava a "comer carne comprada" no mercado municipal.

A única família vinda do Rio Jordão dali se mudou após conflitos familiares com outros grupos vizinhos, ocorridos devido às invasões promovidas pelo gado nas praias e nos roçados de terra-firme. Quando desceu à cidade de Tarauacá, lideranças, professores bilingües, agentes de saúde e aposentados do rio Jordão se hospedaram nas casas de seus "parentes do Carapanã", ocasiões que aproveitaram para atualizar notícias, compartilhar fartas refeições, promover animadas festas e intercambiar gêneros agrícolas, criações domésticas e mercadorias.

Terra Prometida

A TI Kaxinawá da Praia do Carapanã constitui trecho de floresta que combina micro-nichos dos diferenciados recursos naturais necessários à sobrevivência das famílias, que atualmente ali habitam, bem como das futuras gerações que virão a reboque do vigoroso crescimento vegetativo constatado já nos últimos anos. Num futuro próximo, poderá também servir de moradia para outras famílias que, em 1994, ocupavam as colocações Bahia e Paturi, nos seringais Pacujá e Apuanã, fora dos limites da Terra agora identificada.

A TI da Praia do Carapanã também servirá, já nos próximos anos, de abrigo para grupos familiares que, sabedores do início do seu processo de regularização, poderão chegar das outras 6 TIs Kaxinawá situadas nos municípios de Tarauacá, Jordão e Feijó. O seguinte trecho de depoimento prestado pelo cacique Jorge Lemes Ferreira Iba traduz o pensamento de vários chefes de famílias que já cogitaram em se mudar para os seringais do médio rio Tarauacá, mas sentiam-se apreensivos da situação não-regularizada da TI e de perseguições de arrendatários e representantes da PARANACRE: Agora que a terra vai ficar garantida, com documento da FUNAI, muitas famílias vão se animar de voltar pra cá. Antigamente, ninguém queria ficar aqui por causa do cativeiro e da perseguição dos patrões e dos gerentes da Paranacre. Eles preferia sair daqui e ir morar onde já tinha terra garantida, liberta de patrão.

Por fim, servirá de moradia para grupos familiares Kaxinawá que, na atual conjuntura da economia local, estejam à procura de alternativas para melhorar suas condições de vida na floresta. Esta terra indígena apresenta condições bastante favoráveis para tal, na medida em que conjuga uma relativa proximidade da cidade de Tarauacá com a falta disponibilidade de diferentes recursos naturais, tais como estradas de seringa, praias, terras-firmes, caças e peixes, indispensáveis à realização das atividades voltadas para a subsistência e comercialização e à atualização de suas festas e rituais tradicionais.

CERVEJA

Nº 1



RIBRAHMA DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS

Boulevard Augusto Monteiro, 727 - Bairro 15
 Fones: 224-5455/6532 - Fax: 224-2757